

Uma mulher que saiu da gaiola

*Felipe Fanuel Xavier Rodrigues**

ALI, Ayaan Hirsi. *Infidel: a história de uma mulher que desafiou o islã*. Trad. Luiz A. de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 496 p.

Quando iniciei a leitura deste livro, a primeira coisa que fiz foi ler a última frase escrita pela autora. Talvez porque quisesse saber como termina “a história de uma mulher que desafiou o islã”, conforme diz o subtítulo da tradução brasileira da obra *Infidel*. Deparei-me com uma pergunta: “Diga, não é muito mais doloroso ser uma mulher presa naquela gaiola?” (p. 496). Eis Ayaan Hirsi Ali. Se antes não a conhecia, agora recebi seu convite para refletir sobre uma tríade inquietante: mulher, prisão e gaiola.

Uma reflexão para mexer com quem lê? Sim, até que se comece o livro e descubra quem está engaiolada: “Sou privilegiada por ainda estar viva e sã” (p. 9), palavras iniciais que nos alertam para o fato de que estamos “lendo” uma vida, escrita por quem a viveu. Nascida em Mogadíscio, capital da Somália, “um país dilacerado pela guerra” (*id.*), como faz questão de ressaltar, Ayaan escreve sua autobiografia, subtitulando-a justamente como “minha vida” – “*my life*”, na publicação original.

Pouco há de individualista, no entanto, num livro que se inicia com quatro páginas de agradecimentos a diversas pessoas, assim como uma introdução cujos primeiros dois parágrafos são narrados em terceira pessoa e cujo último é uma dedicatória: “Este livro é dedicado à minha família e também aos milhões e milhões de muçulmanas reduzidas à sujeição” (p. 15).

Não é pleonasmo dizer, diante do que foi dito, que Ayaan nasceu e foi criada na religião baseada nas profecias de Maomé, um homem.

O capítulo 1, intitulado “Linhagens”, revela o ambiente patriarcal no qual a pequena Ayaan fora educada. “Quem é você?”, pergunta-lhe a avó. “Sou

Ayaan, filha de Hirsi, filho de Magan” (p. 19), responde a garotinha somali de cinco anos, cuja identidade começa a ser formada por meio da noção de sua árvore genealógica paterna. Nesta idade, segundo nos conta, ela já era capaz de enumerar seus ancestrais masculinos até trezentos anos antes. Do conhecimento a respeito dos homens que a geraram depende toda a sua vida, como lhe ensina sua avó: “Aprenda bem isso. Os nomes lhe darão força. São a sua linhagem. Se você os honrar, eles a manterão viva. Se os desonrar, você vai ser proscrita. Não será ninguém. Há de levar uma vida desgraçada e há de morrer sozinha” (p. 20).

Toda a sua infância deveria ser dedicada a aprender a preservar a honra do clã. Isso, para uma mulher, significava preparar-se para ser uma boa esposa de um homem escolhido por seu pai, ou seja, ser uma *baari*. Ayaan explica:

Uma *baari* era uma espécie de escrava devotadíssima. Honrava a família do marido e a alimentava sem questionar nem se queixar. Nunca chorava nem fazia nenhum tipo de exigência. Era forte no serviço, mas sempre de cabeça baixa. Se o marido fosse cruel, se a estuprasse e ainda zombasse dela por isso, se resolvesse tomar outra esposa ou se a espancasse, ela baixaria os olhos e ocultava as lágrimas. Trabalhava muito, impecavelmente. Era um burro de carga dedicado, acolhedor, bem treinado. Isso era ser *baari* (p. 31).

Nem sua mãe quis tal vida. Ela pediu o divórcio assim que seu pai morreu, pois temia sua maldição, que, no seu contexto, “era a pior coisa que podia acontecer, uma passagem direta para o inferno” (p. 32).

Ayaan, portanto, é filha de uma paixão que sua mãe teve por Hirsi Magan, um descendente de um dos mais importantes clãs da Somália, os Osman Mahamud. Recém-chegado de sua formação universitária nos Estados Unidos, Hirsi tornou-se opositor da ditadura de Siad Barré. Ayaan, enquanto criança, sofreu por ter sido privada de conhecer seu pai, preso devido à sua militância política contra o então regime que tentava implantar um comunismo somali. Hirsi não pôde educar sua filha.

Logo que entrou na escola, Ayaan foi chamada de “*Kintirleey*”, que significa “a que tem clitóris”

* Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

(p. 56). Mesmo seu pai sendo contra, por meio de sua avó, ela foi submetida à clitorectomia sem anestesia, uma experiência traumática para ela e sua irmã mais nova Haweya, de apenas quatro anos, que, após a operação, "nunca mais voltou a ser a mesma" (p. 61).

Depois que seu pai fugiu da cadeia, Ayaan foi levada de maneira corajosa pela mãe, junto de sua irmã e seu irmão, para a Arábia Saudita. Lá ela viveu sob as rigorosas leis da teocracia islâmica, como relata: "Tudo era pecado na Arábia Saudita. A gente não era malvada, e sim pecadora. Não era limpa, e sim pura. A palavra que mais se ouvia era *haram*, proibido" (p. 72). Apesar da paz encontrada na Grande Mesquita de Meca, Ayaan refere-se a sauditas que decapitavam pessoas em praça pública, espancavam mulheres, maldiziam os judeus, e chegavam a dizer que um eclipse lunar era sinal do Juízo Final, quando os portões do inferno seriam escancarados.

O pai de Ayaan era contra tudo isso, embora fosse muçulmano. Ele queria ir para a Etiópia, contra a vontade da mãe de Ayaan, que se recusava a pisar em um país que não seguisse as leis do islamismo. Mas ela não teve escolha. Foi para a Etiópia, "a terra dos infiéis malvados" (p. 88). Ali, em meio aos pobres cristãos etíopes, Ayaan experimentou uma sensação diferente: "Eu me sentia quase livre" (p. 91).

Por causa da falta de conhecidos, eles tiveram de se mudar para Nairóbi, no Quênia, onde havia muitos exilados somalis. Neste país, Ayaan começou a adquirir o hábito da leitura, descobrindo que os livros "transmitiam idéias – as raças eram iguais; as mulheres, iguais aos homens – e conceitos de liberdade, luta e aventura" (p. 109). Tudo isso era novidade para ela. Também no Quênia ela ouviu sua mãe dizer as seguintes palavras, após a primeira menstruação: "Sua prostituta imunda! Você há de ficar estéril! Tomara que pegue um câncer!" (p. 112). Ayaan sofria constantes agressões de sua mãe, que, desiludida com o marido – que havia deixado a família –, encontrava na filha mais velha um lugar para descarregar sua raiva. Para piorar as coisas, Ayaan tem seu crânio fraturado por um fanático pregador itinerante, que a obrigava a decorar os versículos do Alcorão na desconhecida língua árabe. Após sofrer uma surra

da mãe, mesmo com a cabeça machucada, ela tentou o suicídio tomando comprimidos, que, depois veio a saber, não passavam de vitaminas.

Na escola, Ayaan conheceu outro lado de sua religião por meio de uma nova professora de estudos islâmicos, a irmã Aziza. Com ela, Ayaan aprendeu que o que conta no relacionamento com Deus é a intenção, não o medo:

A irmã Aziza acreditava piamente no inferno, quanto a isso não havia a menor dúvida. Mas não enfatizava o medo como faziam todos os outros pregadores. Dizia que a escolha era nossa. Podíamos optar por nos submeter à pureza e à luz divinas e merecer um lugar no céu, ou tomar o caminho da perdição (p. 126).

Ayaan aprendeu também sobre o poder da mulher, que, por meio de suas curvas, poderia levar o homem à tentação, e, por conseguinte, à "confusão incontrolável" e ao "caos social" (p. 129). Por isso, o *jihad* íntimo era necessário a qualquer mulher, pois significava uma luta contra si mesmo por Alá, uma submissão da própria vontade – "esse era o significado do islã" (p. 126). A indumentária teve um papel fundamental. Ayaan sentia-se poderosa ao decidir se cobrir toda, como confessa: "A roupa fazia com que me sentisse um indivíduo" (p. 131), pois transmitia uma mensagem de superioridade sobre as demais garotas: "eu era a única muçulmana verdadeira", "era uma estrela de Deus" (p. 132). Esse crescente interesse religioso levou Ayaan a fazer parte de um movimento de despertamento no islã, em que a religião cada vez mais substituíra a política.

No entanto, ao saber que seu pai havia se casado de novo após abandonar a família, Ayaan jurou para si mesma que nunca se tornaria tão dependente de alguém, como sua mãe havia se tornado. Não conseguindo entender tamanha injustiça à qual as mulheres como sua mãe estavam submetidas, questionava em sua mente: "Como era possível que um Deus justo – tanto que quase todas as páginas do Alcorão louvavam sua justiça – desejasse que as mulheres fossem tratadas tão injustamente?" (p. 143).

Esse tipo de desconfiança com a religião fez com que Ayaan cultivasse uma transgressão secreta por

meio dos livros. Ler romances sensuais e suspenses ordinários, que a excitavam, era uma maneira que encontrava de ceder ao desejo sexual fora do casamento, coisa que nenhuma muçulmana poderia sentir, já que sua vontade individual era cerceada.

Surgiram dúvidas quanto aos textos do Alcorão, porque diziam que as mulheres tinham que obedecer a seus maridos, diante dos quais eram consideradas inferiores. Como a palavra de Alá era irrefutável e inadaptável aos tempos modernos, Ayaan viu-se diante de um impasse: aceitar ou desprezar as dúvidas. Sentia-se cada vez mais desafiada a aceitá-las, sobretudo quando suas amigas lhe contavam como era dolorosa a vida de casada, que nada tinha a ver com o que queria para si: “Decepcionada, declarei que nunca ia me casar” (p. 170).

Mas ela se casou secretamente com um primo, depois de, aos vinte anos, decidir passar um tempo com a irmã na Somália. O motivo ela explica: “Concordei em casar com Mahmud só para ter relações sexuais” (p. 208). O sexo, porém, nada teve de diferente das experiências dolorosas contadas por suas amigas casadas. Como seu primo foi estudar na União Soviética um dia depois, Ayaan manteve seu casamento não-oficializado em segredo.

De volta ao Quênia, Ayaan viveu experiência marcante de contato com somalis que tentavam ultrapassar as fronteiras, buscando asilo em terras quenianas, devido à sangrenta guerra civil que se deflagrara na Somália após a queda do regime Siad Barré. Ali chegou a viver momentos felizes, como o resgate da vida de um bebê moribundo, que ela insistiu em salvar. Mas sofria com a sobrecarga de trabalhos domésticos com a chegada de muitos refugiados em sua casa. Por ser filha mais velha, era a única responsável pelos serviços de lavar, limpar e cozinhar. A religião começava a perder importância. Ao rezar, pensava no trabalho que aguardava no dia seguinte.

Nessa mesma ocasião, seu pai voltou a morar perto da família. Se, por um lado, isso trouxe alegria ao coração de Ayaan, por outro, a presença paterna significou dias apavorantes. Ele conhecera um homem de sua família que lhe pediu a mão de sua filha mais velha. Embora morasse no Canadá, ele estava em Nairóbi para arranjar uma noiva, pois estava em busca de uma *baari*, o que as

somalis ocidentalizadas, perto de quem estava, não eram. Nada adiantou Ayaan recusar o casamento e não gostar do pretendente, porque seu pai já havia decidido que aquele seria seu futuro marido. Ayaan foi obrigada a se casar.

Para obter seu visto canadense, foi enviada à Alemanha. Na Europa, decidiu fugir à procura de uma vida própria, “como a personagem de um livro” (p. 272). Foi parar na Holanda, país que estava acolhendo refugiados, muitos deles somalis. Para dificultar sua localização, mudou seu último nome “Magan” para “Ali”. Experimentou uma sensação de liberdade, chegando a afirmar o seguinte: “Se eu cair morta neste instante, pelo menos vi o mundo” (p. 282). Após mentir sobre o real motivo que a havia levado à Europa, recebeu o *status* de asilada, podendo passar, se quisesse, o resto da vida na Holanda. A essa altura, já andava de bicicleta, viajava de ônibus e usava *jeans*.

Contudo, uma carta de seu pai haveria de chegar ao centro de refugiados no qual se encontrava. Ele foi incisivo: “A sua casa será uma fonte de honra ou uma fonte de desgraça para mim” (p. 294). Ela enfrentou um conselho de anciões que julgou seu caso. Ao ser inquirida sobre o motivo de ter feito tudo o que havia feito diante de seu marido, ela respondeu: “É vontade da alma. Não se pode coagir a alma” (p. 301). Estava consumada a nova situação de liberdade na vida de Ayaan, muito embora isso resultasse numa reação hostil de seu pai, que a amaldiçoou.

Em um país considerado infiel pelos muçulmanos, como a Holanda, ela pôde trabalhar e buscar uma vida digna. Enviou dinheiro para sua família, chegando a abrigar sua irmã Haweya, que também fugiu para a Europa.

Tentando entender a razão pela qual alguns países são melhores do que outros, Ayaan se esforçou para ingressar na Universidade de Leiden, em um curso de ciência política. Compreendeu o porquê do apego dos holandeses à liberdade: aquele fora o centro do livre-pensamento, onde o Iluminismo havia florescido. Pelo acesso que teve a esse conhecimento, ela decidiu assumir também um compromisso com a liberdade: “Eu lia e lia e, depois, tentava enfiar aquilo tudo no pequeno alçapão do meu cérebro” (p. 341). Esse, porém,

estava longe de ser um processo fácil: “Às vezes, o alçapão já não fechava: estava abarrotado de idéias” (p. 342).

Depois de cinco anos no país, Ayaan naturalizou-se holandesa. No ano em que se formou com o título de mestre, pôde rever seu pai, que se declarou arrependido por tê-la obrigado a se casar a contragosto.

Partindo para o mercado de trabalho, conseguiu emprego em um partido político como pesquisadora júnior. Na segunda semana de trabalho, assistiu pela tevê um fato que haveria de marcar sua vida e a do mundo inteiro: dois aviões colidindo contra o World Trade Center. Ela sabia que os ataques de 11 de Setembro seriam vistos pelos muçulmanos como uma retaliação contra os infiéis inimigos do islã. Haviam declarado guerra em nome do islamismo, a religião de Ayaan. “De que lado ficar?”, perguntava-se.

Ayaan não titubeou quanto a isso, porque conseguia enxergar o que os holandeses tinham muita dificuldade em aceitar: aqueles ataques tinham a ver com o âmago do islã. Bin Laden tinha o profeta Maomé como seu guia moral e citava textos do Alcorão, conhecidos muito bem por Ayaan, que incentivavam a violência aos não-muçulmanos. Era demais para ela: “O pequeno alçapão na minha mente no qual eu escondia todas as idéias dissonantes se escancarou a partir dos ataques de 11 de Setembro e não voltou a se fechar” (p. 387).

Ayaan passou a desconfiar do Alcorão, agora considerado apenas um registro histórico escrito por seres humanos, que “disseminava uma cultura brutal, hipócrita, empenhada em controlar a mulher, e cruel na guerra” (*id.*). Concluiu que “o verdadeiro islamismo, como um sistema de fé e estrutura moral, levava à crueldade” (p. 388). Primeiro, sentiu-se apóstata, depois, atéia, como confessa: “Estava empreendendo a missão psicológica de aceitar viver sem Deus, o que significava aceitar dar sentido próprio à minha vida” (p. 401). A leitura de grandes pensadores iluministas e modernos a ajudou a perceber que era preciso raciocinar por si mesma, sendo ela a única responsável por sua moralidade. Apesar de agir de acordo com as metas da religião, que eram ser uma pessoa melhor e mais generosa, não estava disposta a anular sua vontade e ser obrigada a acatar normas desumanas.

Ayaan foi para a mídia *dizer o que pensava sobre sua religião. Atacou as escolas muçulmanas em território holandês que rejeitavam os direitos humanos e instilavam a subserviência nas meninas. Tudo isso fazia com que os imigrantes muçulmanos permanecessem isolados e cultivando práticas hostis numa sociedade livre. Ayaan chegou a dizer num programa de televisão que o islã era uma “gaiola mental”. Mesmo que se abra a porta, o passarinho já interiorizou a prisão. Depois disso, Ayaan passou a ser execrada publicamente. Não ficou só nisso: começou a receber ameaças de morte.*

Ganhou prestígio entre os holandeses por estar correndo perigo por dizer o que pensava. Foi convidada a candidatar-se a deputada pelo partido oposto àquele em que trabalhava. Ayaan aceitou quando se convenceu de que sua luta era de ação, não de idéias. Pensou em três coisas que pretendia fazer no Parlamento, a saber: lutar para que a Holanda parasse de tolerar a opressão das muçulmanas em seu território, provocar um debate entre os maometanos sobre sua fé, e levar as maometanas a tomar consciência do quanto seu sofrimento era ruim e inaceitável. Para tanto, inspirou-se na pensadora feminista Mary Wollstonecraft, “que dizia que as mulheres tinham a mesma capacidade de raciocínio que os homens e mereciam os mesmos direitos” (p. 420).

Na política, suas primeiras ações foram em prol das mulheres imigrantes, conseguindo incentivar a apuração do número de assassinatos de mulheres em nome da honra entre os muçulmanos. Vivia cercada de guarda-costas, porque continuava sendo ameaçada.

Com o objetivo de “libertar a mente muçulmana”, Ayaan aceitou fazer um filme que denunciasse o sofrimento das mulheres no islamismo. *Submissão: primeira parte*¹ é o nome do curta-metragem. Dois meses depois, seu produtor, Theo van Gogh, foi brutalmente assassinado por um marroquino, que deixou uma carta endereçada a Ayaan. Desencadeou-se uma crise na Holanda. Ayaan passou a viver escondida e debaixo de rigorosa proteção.

¹ Este vídeo pode ser assistido em http://www.youtube.com/watch?v=G6bFR4_Ppk8.

Teve sua cidadania holandesa caçada, por ter declarado que havia mentido para obter asilo. Decidiu abandonar a política e deixar a Holanda. Aceitou um emprego em um instituto de pesquisa nos Estados Unidos, de onde acompanha a queda do governo devido à truculência da mesma pessoa que se empenhou em anular sua naturalização.

No novo trabalho e em outro país, Ayaan mantém-se disposta a continuar refletindo sobre as idéias pelas quais decidiu viver.

A mensagem de seu livro, diz ela, “é que nós, no Ocidente, fazemos mal em prolongar desnecessariamente a dor dessa transição [para o mundo moderno], alçando culturas repletas de farisaísmo e ódio à mulher à estatura de respeitáveis estilos de vida alternativos” (p. 492). Ela reconhece que a vida na Europa é melhor porque valoriza a vida na Terra, o aqui e o agora, onde o Estado proporciona direitos e liberdades aos indivíduos, muito diferente da subordinação pregada no mundo islâmico.

Escolhida pela revista *Time* como uma das cem pessoas mais influentes do mundo, figurando na categoria “Líderes e revolucionários”, Ayaan não quer ser vista como vítima, porque sua “preocupação central e motivadora é o fato de as mulheres serem oprimidas no islã” (p. 494). Não está preocupada consigo mesma, que, segundo ela, não passa de uma pessoa de sorte. “E não são muitas as mulheres de sorte nos lugares de que venho” (p. 495), adverte.

A frase final do filme *Submissão* expressa bem um pouco de tudo o que Ayaan viveu e como vive

hoje: “Nunca mais me submeterei” (p. 496). Foi assim que ela decidiu se libertar, adaptando sua fé, examinando-a criticamente e verificando até que ponto ela está na raiz da opressão.

Por esse motivo, esta obra é recomendável a qualquer homem ou mulher que se encontre dentro de uma religião. A atitude “infel” de Ayaan deveria incomodar todas as pessoas que se encontram acomodadas em instituições de fé que podem legitimar injustiças. Ela nos lembra que a liberdade é o mais importante princípio de vida, pelo qual vale a pena lutar.

A luta faz parte da cosmovisão muçulmana. E Ayaan é uma lutadora em prol do direito de ser livre. O livro de sua vida é dividido em duas partes: infância e liberdade. Como criança, ela foi educada dentro de um cotidiano cruel, por meio de sua família e religião. Como adulta, precisou cada vez mais assumir a responsabilidade de descobrir por si só qual caminho seguir para viver no mundo. Encontrou sua autonomia mesmo em meio a um ambiente heterônomo. Optou pela liberdade, dando tortuosos passos que qualquer ser humano hesitaria em dar.

Afinal, pode parecer natural que um passarinho tenha dificuldade para voar após muito tempo engaiolado, mas não foi isso que aconteceu com a escritora aqui resenhada. Ayaan descobriu que, como mulher, possui asas com as quais pode alçar vôos e das quais não abre mão desde que começou a sair da gaiola.